

“O primeiro-ministro e os *tories* já não possuem mandato, não só governativo e partidário, mas também ideológico”

Bruno Santos Fonseca, investigador do IPRI e especialista em política britânica, assume que Partido Conservador britânico se encontra num “cenário típico de fim ciclo político”.

António Saraiva Lima | Público | 10 de dezembro de 2022

Em declarações ao PÚBLICO, o investigador do Instituto Português de Relações Internacionais (IPRI-NOVA) e especialista em política britânica Bruno Santos Fonseca considera que o Partido Conservador “não conseguiu cumprir as promessas para o destino do Reino Unido num contexto do ‘Brexit’” e diz que o primeiro-ministro britânico, Rishi Sunak, tem de “mudar drasticamente” de rumo para evitar uma derrota para o Partido Trabalhista em 2024.

Já passou mais de um mês desde a escolha de Rishi Sunak para líder do Partido Conservador e do Governo, mas os *tories* não conseguem subir nas sondagens. Estamos perante um cenário típico de fim de ciclo político – após 12 anos seguidos no poder, com o processo do “Brexit”, da Escócia, da pandemia e da guerra, entre outros, pelo meio – ou são as circunstâncias que ditam as actuais intenções de voto?

De facto, é um cenário típico de fim de um ciclo político devido às próprias circunstâncias que provocaram o caos político e económico sentido nos últimos anos, durante a acção do Partido Conservador. Este fim de ciclo político é igualmente comprovado pela ocorrência de uma alteração social e económica, sobretudo pelas projecções de desenvolvimento negativo que a economia britânica tem apresentado – uma inércia sentida pelos constantes erros na aplicação de reformas necessárias, mas que foram marginalizadas e suplantadas pelo interesse político de manutenção de um statu quo partidário.

As circunstâncias que levaram à turbulência económica e política, colocando o Partido Conservador numa posição de instabilidade constante, são resultado da própria acção governativa de um partido que não sabe agir sobre os problemas efectivos da sociedade. Os resultados das eleições parciais em Chester não foram um alerta sobre as intenções dos eleitores no Partido Conservador, mas sim uma confirmação de um desastre na acção política que já vinha sendo desenhado nos últimos anos, na estrutura dos *tories*.

Os eleitores da chamada “*red wall*” são a chave para avaliar as intenções de voto, mas essa “parede” começou a desmoronar-se para o lado dos *tories* após terem conquistado um apoio considerável em 2019, especialmente devido à questão do “Brexit”. Os

deputados conservadores da “*red wall*” já começaram a ameaçar demitir-se e não tentar uma reeleição nas próximas eleições, numa manifesta posição contra a situação em que os *tories* se encontram. Se a acção de Rishi Sunak e dos *tories* não mudar drasticamente, a vitória do Partido dos Trabalhadores [Trabalhista] colocará termo aos mais de 12 anos de poder conservador no Reino Unido.

Entre as questões que provocaram os problemas actuais, é necessário referir que o *establishment* político dos *tories* deixou de abordar o tema do “Brexit” – assunto que já queriam que estivesse mais do que concluído, mas que não está –, uma vez que, ao defenderem tanto a recuperação de uma soberania político-económica, os impactos também foram sentidos de igual modo, prejudicando todo o partido e toda a sociedade britânica, que sente no seu dia a dia os impactos e as consequências dessa decisão.

Como consequência directa do “Brexit” e da mudança de ciclo político que se está a verificar, Rishi Sunak e Keir Starmer, líder do Labour, possuem agora algo em comum: ambos são contra a imigração. Num estudo recente do Instituto de Pesquisa de Políticas Públicas (IPPR), a opinião pública britânica sofreu uma alteração significativa em relação à imigração e à falta de mão-de-obra, passando a ser um tópico que aos olhos da sociedade é positiva e necessária – enquanto os dois maiores partidos defendem políticas mais restritivas.

A mudança de atitude e de acção política nos próximos meses ditará o fim, ou não, de um ciclo político que vem dando sinais de ruptura partidária conservadora. Ao qual se acresce a ameaça do regresso aos holofotes políticos, nas próximas eleições, previstas para 2024, de um dos maiores defensores do “Brexit” e de políticas anti-imigração: Nigel Farage – causando mais um problema às ambições do Partido Conservador, que não conseguiu cumprir as promessas para o destino do Reino Unido num contexto do “Brexit”.

Como avalia estas primeiras semanas do Governo Sunak?

As primeiras semanas têm-se caracterizado pela manutenção de uma política assente na continuidade do Partido Conservador, bem como pelo contínuo declínio e pelo alheamento de questões que assolam a sociedade britânica.

Apesar de a proposta de orçamento apresentada pelo ministro das Finanças, Jeremy Hunt, distar do desastroso “mini-orçamento” do anterior Governo, de Liz Truss, o mesmo traça um cenário económico negativo para o Reino Unido, com um aumento de impostos e corte nos gastos e investimentos públicos, esperando-se uma austeridade e crescimento estagnado – aspectos que reforçam a continuidade de políticas sem resultados palpáveis e de um partido definido por escândalos.

No que diz respeito a escândalos, as nomeações que Sunak realizou para formar o Governo liderado por si tiveram uma transferência para o actual Governo, devido ao objectivo principal de atenuar as disputas internas do partido, e não para uma governação efectiva para toda a sociedade britânica. Essas disputas vieram à tona prejudicando constantemente a imagem do Governo e, sobretudo, do partido.

O primeiro-ministro e os próprios *tories* já não possuem mandato, não só governativo e partidário, mas também ideológico. O partido encontra-se numa crise identitária, reflectida na acção do Governo, com tomadas de decisão díspares, no que concerne ao futuro do partido na esfera política britânica; e nas discrepâncias e inconsistências visíveis na falência do partido – especialmente pelos escândalos ministeriais consecutivos, bem como pelos desequilíbrios políticos, económicos e sociais que o “Brexit” introduziu no Reino Unido.

O Reino Unido precisa de uma parceria real e privilegiada com a União Europeia para que não só a questão económica seja revitalizada, mas igualmente as questões de união interna e de segurança externa com a UE sejam endereçadas de uma forma construtiva – campo em que os Governos conservadores têm falhado desde a decisão de começar o processo do “Brexit”.

A ideia de um Reino Unido mais desunido fará parte das questões que Sunak e toda a esfera política britânica terão de lidar de uma forma mais activa nas próximas semanas e meses, se pretendem sobreviver.

O que destaca das propostas “sobre o futuro do Reino Unido” apresentadas na segunda-feira por Starmer? É uma tentativa de piscar o olho aos eleitores da “red wall”, perdidos para os *tories* em 2019?

Nesse plano, elaborado pelo ex-primeiro-ministro Gordon Brown, no qual as 40 recomendações são de matriz consultiva e não vinculativa, Keir Starmer referiu que iria transferir o maior conjunto de poderes para as mãos da sociedade britânica e para os governos descentralizados (Escócia, Irlanda do Norte e País de Gales) e as autoridades locais, concedendo poderes sobre determinados sectores estruturantes.

Destaco esta dimensão uma vez que o objectivo presente no cerne das recomendações apresentadas encontra-se na ideia de “limpar a política” britânica por meio de uma ampla reforma constitucional, servindo o relatório apenas como um guião, e não de políticas concretas de alteração ao paradigma existente na sociedade e política. A ver vamos se as recomendações se transformam em pontos e dimensões presentes no memorando do próprio partido.

Para além de ser perceptível uma jogada política de procurar apoio dos defensores do “Brexit”, procura igualmente o apoio dos defensores da independência escocesa. Todavia, esta tentativa de aproximação a determinados eixos e eleitorado, com a realização de um debate constitucional e de reformas necessárias na política britânica, caracteriza-se por ser incongruente: não aprova uma vontade democrática de se realizar um referendo sobre a independência escocesa, num reino que se define como uma união democrática e voluntária; e não defende (agora) políticas que fomentem uma aproximação à União Europeia e políticas de imigração mais flexíveis.

Nesta jogada política, Starmer – um dos defensores da permanência do país na UE – veio de facto defender a manutenção da saída e o não-regresso à livre circulação de pessoas e bens, numa tentativa clara de atrair os eleitores da “red wall”. Essa mudança para uma

argumentação pró-“Brexit” poderá, de igual forma, causar o efeito contrário ao pretendido, já que a maioria do eleitorado defende que foi um erro sair da UE (56%, segundo o YouGov), pelas consequências visíveis actualmente na economia britânica: escassez de mão de obra; políticas de imigração controversas; e, políticas fiscais instáveis.

Para os eleitores britânicos que defendem cada vez mais a ideia de que o “Brexit” foi um erro, as opções de apoio aos *tories* e ao Labour poderão estar mais distantes; poderá afastar o eleitorado indeciso e apoiantes de uma aproximação às instituições europeias e de uma subsequente abertura a uma imigração mais flexível.

<https://www.publico.pt/2022/12/10/mundo/entrevista/primeiroministro-tories-ja-nao-possuem-mandato-nao-so-governativo-partidario-tambem-ideologico-2030598>